

A CONSCIÊNCIA CORPORAL NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO FÍSICA

*Carmem Elisa Henn Brandl**

Introdução

A Educação Física, nossa velha conhecida, tatuada ao longo de sua história com o estigma de *dualista e mecanicista*, influenciada pelo paradigma cartesiano, que domina tanto a Ciência como a Educação nestes últimos séculos, teve e tem, em sua caminhada, especialmente nas duas últimas décadas, movimentos e momentos que caracterizam sua evolução. Surgiram nesse período, renomados teóricos, divulgando seus trabalhos, que, com certeza trouxeram contribuições para esta área.

Entre esses estudiosos, podemos citar, à partir da década 70, a contribuição do francês Jean Le Boulch, com a teoria da Psicocinética, na década de 80, do português Manuel Sérgio, com a teoria da Motricidade Humana, entre outros. No Brasil, e de forma mais densa, à partir dos anos 90, e com ênfase maior na Educação Física Escolar, surgem obras que terão grande valor para o desenvolvimento da área.

Embora alguns avanços tenham sido conquistados na Educação Física, muitas pesquisas, realizadas no cotidiano escolar, ainda revelam a predominância de uma *Educação Física tradicional* – na qual, as práticas pedagógicas se reduzem exclusivamente ao ensino de técnicas e regras desportivas pré-determinadas através de metodologias diretivas. Nesta perspectiva, o aluno é tratado como um mero repetidor (autômato, robô) de habilidades, consideradas importantes ou não pelo professor, que neste caso, tem total autoridade no processo de ensino-aprendizagem.

Com certeza esta Educação Física não serve mais.

* Professora do Curso de Educação Física da UNIOESTE. Mestre em Educação/Educação Motora.

A maioria de nós (professores de Educação Física) percebemos a necessidade de encarar a Educação Física numa perspectiva mais abrangente, especialmente no que diz respeito ao tratamento dado ao aluno, que não pode ser considerado como sujeito-objeto, mas sim um sujeito-próprio, que possui uma identidade, capacidades e limitações e principalmente dotado de intencionalidade. Um ser capaz de **sentir, pensar e agir** nas palavras de Gonçalves (1994).

Moreira (1995b:101), propõe para a Educação Física uma revisão de valores, em que:

O corpo-objeto da Educação Física ceda lugar para o corpo-sujeito da Educação Motora; o ato mecânico no trabalho corporal da Educação Física ceda lugar para o ato da corporeidade consciente da Educação Motora; a busca frenética do rendimento da Educação Física ceda lugar para a prática prazerosa e lúdica da Educação Motora; a participação elitista que reduz o número de envolvidos nas atividades esportivas da Educação Física ceda lugar a um esporte participativo com grande número de seres humanos festejando e se comunicando na Educação Motora; o ritmo padronizado e uníssono da prática de atividades físicas na Educação Física ceda lugar ao respeito ao ritmo próprio executado pelos participantes da Educação Motora”.

E é exatamente pensando neste aluno (sujeito-próprio) que devemos reformular diversas questões do processo ensino-aprendizagem na Educação Física. Uma das alternativas propostas, ou melhor investigadas neste trabalho, é tentar dar maior autonomia aos alunos nas práticas motoras. Este processo, no meu entender, estará sendo favorecido pela tomada de consciência, consciência esta, que é corporal, portanto, propõe-se trabalhar nas aulas de Educação Física a **consciência corporal**.

Certamente este é um tema bastante amplo, e que “invade” diversas áreas e diferentes perspectivas, por isso, delimitarei este texto, aos seguintes objetivos:

- a) Definir, segundo vários autores, *Consciência corporal*;
- b) Identificar os conceitos *esquema corporal e imagem corporal*, na perspectiva da teoria da Psicomotricidade, como parte do processo da Consciência corporal;
- c) Fazer uma breve passagem, pela abordagem Filosófica da *Consciência corporal*;
- d) Relacionar a *Consciência corporal* com a Educação Física.

O que é consciência corporal?

Na busca de entendimento da consciência corporal, defrontei-me com termos que ora tornam-se sinônimos e equivalentes, e em determinados momentos estão indicando fases ou partes da consciência corporal. Eis alguns deles: Conhecimento corporal ou consciência do Eu; Imagem corporal; Esquema corporal e Somatognosia.

Conforme Ajuriaguerra (s/d), os termos esquema postural, esquema corporal, imagem do eu e somatopsique, imagem do Ego corporal e somatognosia, englobam-se noções que, em geral, são consideradas equivalentes entre si pelos autores, por isso, só se tornam claras no contexto teórico em relação ao qual são definidos.

Para este autor, “esquema corporal”, no sentido amplo do termo, nunca se sabe se trata-se de um esquema funcional ou se ele se aplica ao sentimento que nós possuímos de nosso corpo, do nosso espaço corporal, ou, ainda, se ele dá nome a função dos mecanismos fisiológicos, que nos fornecem o sentimento correspondente a estrutura do real do corpo.

A noção de “somatognosia” pode também ser utilizada tanto no sentido da tomada de conhecimento do corpo e de suas partes intimamente ligadas a evolução da practonosia, quanto como tomada de consciência do corpo enquanto realidade vivenciada - conhecimento implícito.

O esquema corporal, segundo Wallon apud De Meuer &

Staes (1984) é um elemento básico indispensável para a formação da personalidade da criança. É a representação relativamente global, científica e diferenciada que a criança tem de seu próprio corpo.

De Meuer & Staes (1984) colocam a importância do desenvolvimento do esquema corporal, porque a partir dele a criança percebe-se e percebe os seres e as coisas que a cercam, em função de sua pessoa. Sua personalidade se desenvolverá graças a uma progressiva tomada de consciência de seu corpo, de seu ser, de suas possibilidades de agir e transformar o mundo a sua volta.

Para Le Boulch (1987), “conscientização” corresponde a uma certa forma de atenção levada por um indivíduo para a sua própria atividade. Esta conscientização consiste finalmente em tomar sua própria atividade como seu objeto de pensamento. A conscientização de um corpo em movimento (que é o nosso objeto de estudo) passa pelo corpo e é interiorização. A interiorização representa, portanto, uma certa consciência de si em suas relações com o meio.

Para Vayer & Toulouse (1985), a “consciência de si mesmo” ou “a experiência de si mesmo” é o conjunto de retroações originadas das interações indivíduo-mundo, mais precisamente sua interpretação e sua memorização pelo sistema nervoso sob a forma de conjuntos estruturados de informação e de programas. Essa organização das informações no interior do SNC é reconhecida como necessária à ação em todos os domínios da vida. Essa definição leva o autor a perceber que existe um abismo entre as interpretações da experiência corporal e os desenvolvimentos práticos que se traduzem em termos técnicos ou métodos particulares que visam a educação do esquema corporal.

Aparentemente nosso corpo é aquilo que melhor conhecemos. Na verdade, nós pouco nos conhecemos (o espelho me dá um determinado reflexo de mim mesmo, eu reconheço meu rosto, mas o olhar nada significa).

Para estes mesmos autores, a “consciência do corpo” deve

ser considerada como a consciência dos meios pessoais de ação, ela é o resultado da experiência corporal, experiência reorganizada permanentemente graças a novidade que o indivíduo deve assumir. Podemos pois defini-la como o reconhecimento consciente, em determinados momentos, do conjunto das estruturas que servem de base à ação; é a noção de “imagem do corpo” e dos meios de ação; é a noção de “esquema”.

Para Vayer & Toulouse (1985:93) “A experiência corporal, estando no centro do desenvolvimento da pessoa, esta vai adquiri-la na medida em que evoluem os significados e os aspectos diversos, em relação com a natureza das intenções desenvolvidas e com a organização funcional do sistema nervoso que regula essas interações e interpreta as retroações” .

Holle (1979) ao tratar da “consciência corporal” escreve que: “A criança percebe seu corpo através do sentido tato, pela visão e pelo sentido cinestésico, à medida que transcorre o desenvolvimento”(p.117).

Olivier (1995) também percebe a distinção dos termos *esquema* e *imagem corporal* , embora não como termos opostos, mas complementares. Para a área específica da Educação Física, considera o termo imagem corporal mais adequado, pois tem os aspectos que consideramos essenciais da percepção que o homem tem de si mesmo enquanto corpo, das relações que através dele estabelece consigo e com o mundo: o caráter dinâmico, representativo, simbólico; o papel que aí desempenham a memória, os processos inconscientes e a dimensão do sensível.

Rodrigues apud Olivier (1995:19) distingue:

“... o esquema corporal é, normalmente, conotando uma estrutura neuromotora que permite ao indivíduo estar consciente do seu corpo anatômico, ajustando-o rapidamente as solicitações de situações novas, e desenvolvendo ações de forma adequada, num quadro de referência espaço-temporal dominado pela orientação direita-esquerda; a imagem corporal relaciona-se com a consciência que um indivíduo tem do seu próprio corpo em termos de julgamento de valor ao nível afetivo.”

Para esta mesma autora, a expressão consciência corporal implica a articulação de dois conceitos, a princípio distintos entre si: o da consciência e o de corpo, e reforça:

“O termo consciência, transitando em várias áreas de conhecimento humano, compreende, necessariamente, significações diferentes. Há uma consciência ética, uma consciência moral, religiosa, psíquica. O indivíduo consciente detém o conhecimento de algo: é também responsável por tal conhecimento, não se comportando de maneira leviana ou inconsciente.”(p.63).

E para conceituar corpo, Olivier traça o histórico e a concepção do mesmo em várias épocas e situações. Sobre consciência do corpo, escreve que “todo conhecimento - inclusive o de si mesmo - passa pelo corpo. É o corpo que está envolvido no processo de compreender, de recordar de se individualizar”.(p.71).

Para Fischer apud Olivier (1995), a consciência de corpo é definida como a maneira pela qual a atenção sobre o corpo é distribuída e as pessoas diferem no quanto elas estão conscientes de seus corpos. Além disso, algumas áreas do corpo recebem consistentemente maior atenção que outras e tal diferenciação parece ter um sentido psicológico.

Para finalizar, a autora coloca que a consciência do corpo, em seus determinantes psicológicos, sócio-históricos, biológicos - os quais não são distintos e nem distinguíveis na praxis humana - é condição fundamental à liberdade.

Abordagem Psicomotora

Embora o termos “Psicomotricidade” ou “Educação Psicomotora” possam estar fora de moda, ou serem inadequados para o que querem significar, ou até mesmo que a teoria esteja ultrapassada, como dizem muitos, encontramos situações nessa perspectiva, principalmente em relação a criança, que traduzem muitos sentidos que encontramos hoje no novo paradigma da corporeidade, motricidade e na Educação Motora.

Para Vayer (1986) a Psicomotricidade deve proporcionar a criança os meios de desenvolver o máximo suas potencialidades como também os meios para sua independização. O autor escreve que “em toda situação, há sempre a criança, o mundo dos objetos e o mundo dos outros. O desenvolvimento da criança e sua evolução são resultados das constantes interações destes três dados”(p.19). A Psicomotricidade concebe o homem como unidade funcional. Tudo o que somos, nossas emoções, nossos sentimentos e igualmente nossa atividade conceitual, é inseparável do nosso próprio corpo.

“O corpo é saber imediato de si, experiência interna de todo o conhecimento. Não há um espírito dirigindo um corpo, mas uma expressão dinâmica, direta e instantânea de intencionalidade”. (Giroux apud Vayer, 1986:21).

A consciência de si mesmo depende da experiência do mundo que a envolve. Vayer destaca três aspectos da experiência corporal:

- a) Os esquemas corporais - A experiência do corpo em relação ao meio conduz o sujeito a construir esquemas, os quais funcionam como estruturas interiores. São estes esquemas ou conhecimento constante de seu corpo que permitem a criança realizar suas diferentes ações e continuar suas experiências até a elaboração do seu ego.
- b) Os valores corporais - Paralelamente à consciência e ao reconhecimento das propriedades espaciais do corpo, se desenvolve a experiência do corpo como símbolo do ego e como ator, na relação com o mundo dos outros.
- c) Os conceitos corporais - Progressivamente, à superfície dos esquemas e valores relacionados com o corpo vai se sobrepondo a um outro aspecto da experiência corporal, o aspecto do conhecimento topográfico e intelectual. Ou seja, a criança vai aprender a palavra correspondente aos diferentes segmentos e regiões corporais.

Conforme De Meuer apud Gaio (1994), o desenvolvimento do esquema corporal passa por quatro etapas distintas, a saber:

1ª etapa - a criança faz diversas atividades motoras e ao dominar seus movimentos percebe-se globalmente.

2ª etapa - após a percepção global, a criança assume a tomada de consciência de cada segmento corporal.

3ª e 4ª etapas - a criança orienta-se no espaço e pode organizar-se espacial e corporalmente. Nessas etapas a criança compreende situações, descreve movimentos, manifesta-se numa comunicação não verbal.

Nesta mesma linha de pensamento, Le Boulch (1987), destaca que o corpo é o pivô do mundo, pois se tem consciência do mundo por meio do corpo. E o esquema corporal pode ser considerado como uma intuição que temos de nosso corpo, na relação de suas diferentes partes entre si e sobretudo nas relações com o espaço e os objetos que nos rodeiam.

Este mesmo autor distingue três estágios de estruturação do esquema corporal pós natal (lembrando que a etapa pré-natal também é de extrema importância):

- a) Etapa do corpo vivido (até os três anos) - considerado o período do esqueleto do “EU”, conquistado por intermédio das experiências práxicas globais e pela relação com os adultos.
- b) Etapa da discriminação perceptiva (três a sete anos) - período em que a criança percebe seu corpo detalhadamente por segmentos, pondo em jogo a função de interiorização e as percepções de dados externos, como espaço e tempo.
- c) Etapa do corpo representado (sete a doze anos) - período em que a criança vai progressivamente desempenhar, de modo mais consciente, sua própria motricidade

No final da etapa do corpo vivido, em torno dos três anos, é que a criança reconhece seu corpo como objeto.

O estágio dos três aos seis anos é um período transitório tanto na estruturação espaço temporal , quanto na estruturação do esquema corporal. Esta fase, identifica-se como a etapa do

“corpo percebido”, e corresponde a organização do esquema corporal (atividade perceptiva, cujo desenvolvimento só será possível depois que a função de interiorização¹ atingir a maturação).

Para Gaio (1994), a estruturação do esquema corporal corresponde precisamente a estreita relação dos dados sensoriais, resultando na fusão da imagem visual e da imagem cinestésica do corpo.

Imagem do corpo é um conceito útil no plano teórico, na medida em que serve de guia para compreender melhor o desenvolvimento psicomotor através das diversas etapas. É o centro do sentimento de maior ou menor disponibilidade que temos de nosso corpo e no centro de relação vivida objeto-universo, passa por uma sucessão de estados de equilíbrio, nenhum dos quais traduzidos da maneira exata por este vocabulário empregado isoladamente. Esta expressão é certamente imprópria para descrever o universo vivido na primeira infância. Na verdade não se pode falar de imagem de corpo enquanto o ego não está unificado, individualizado e enquanto não for adquirido o senso da realidade, isto é, no final da etapa de corpo vivido.

A formação de imagens, segundo Piaget apud Le Boulch (1987), não pode ser somente uma imagem reprodutora (esquema postural estático), mas uma imagem “antecipadora”, característica do estágio das operações concretas.

A evolução das funções cognitivas, fará evoluir esta imagem do corpo. Na medida em que esta imagem do corpo operatório ocupa o centro de todas as ações realmente efetuadas, ou programadas a partir da representação mental, elas giram em torno do ambiente ou no seu “corpo próprio”, é que será importante interessar-se por ela na Educação, principalmente, durante a Escola primária.

Le Boulch (1987:18), escreve que “será necessário esperar a etapa de latência, que se situa no período da Escola primária,

¹ A função de interiorização é uma função perceptiva que envolve a possibilidade de deslocar sua atenção do meio circundante para seu corpo próprio, a fim de chegar a tomada de consciência. (Le Boulch, 1987)

para que o aspecto operativo da imagem do corpo possa tomar consistência”.

A etapa do “corpo vivido” resulta na aquisição de diferentes automatismos naturais, a partir dos quais a criança pode exercer sua influência sobre o mundo.

A emergência da função de interiorização durante a etapa do “corpo percebido” permite a passagem de um ajustamento espontâneo, global, a um ajustamento controlado, capaz de resultar numa dissociação de automatismos. É no final do período pré-escolar, que a criança está em condições de exercer a aptidão de dissociação, trata-se de uma atividade pré-operatória. Somente a partir daí a criança terá condições de projeção da imagem do corpo antecipadora.

Tomando como base esta imagem do corpo, que chamamos de operatória, na medida em que as operações até então reservadas aos objetos do espaço vão poder exercer-se também sobre o “corpo próprio” é que o sujeito vai realizar, a partir de novos esquemas motores, verdadeiras projeções originais do seu ego.

Mas Le Boulch (1987) considera que a disponibilidade corporal (uma disponibilidade consciente), precisa além de uma forma inteligente psicomota, também um nível elevado de inteligência operatória, ou seja, o controle completo das atitudes e dos gestos, apóia-se não apenas num trabalho voltado para o corpo, mas também para o domínio da maior parte dos conhecimentos operatórios baseados no espaço e no tempo. Por isso, o autor sugere que: “A reintrodução de uma verdadeira educação do corpo, ligada à educação simbólica, fará com que as concepções educativas evoluam e se tornam mais eficazes no plano prático”(p.15).

Head & Schiller apud Le Boulch (1987) fazem do esquema corporal um referencial cinestésico que responde a cada instante a situação presente do corpo e que varia a cada mudança de atitude. É pois, uma estrutura que permite a globalização e a unificação incessante das informações provenientes do corpo próprio. O esquema corporal é, portanto, a base fundamental da função de

ajustamento e o ponto de partida necessário de qualquer movimento, não necessariamente originário do cortex cerebral. Já a conscientização do esquema corporal, depende do desempenho da função de interiorização.

A interiorização é difícil de se conseguir na criança de seis a oito anos, assim, é interessante começar a educar as partes do corpo mais fáceis de serem controladas por ela.

A evolução tanto da imagem como do esquema corporal se dá tanto pelo desenvolvimento do ser humano como pela suas aprendizagens. A Escola, mais especificamente a Educação Física, pode contribuir para esse desenvolvimento através de suas aprendizagens.

A relação que eu faço da Psicomotricidade com a Educação Física, além de que está claro que uma complementa a outra, é de que ambas, dentro de uma nova perspectiva, não podem mais conceber a aprendizagem, seja ela predominantemente motora, afetiva, cognitiva ou social, como uma simples repetição de conceitos e habilidades, sem que haja uma intervenção do próprio sujeito, ou seja, da sua vontade. Por isso, os termos, corpo-próprio, interiorização, consciência e outros, se apresentam tanto em uma como em outra teoria, e deverão aparecer (uma conquista lenta, porém não impossível) também em outras áreas pedagógicas.

Abordagem filosófica

A Educação Física, em busca de uma identificação como área de conhecimento, esteve e ainda está muito vinculada a área biológica. A dimensão do movimento humano, ou do corpo humano, dentro de uma visão unitária de homem é bem maior. Portanto, ao tratar do tema *Consciência corporal*, houve a necessidade de visualizar também esta abordagem.

Alguns autores como Moreira, Freire, Medina, Gonçalves e outros, exprimem em suas obras a necessidade dessa área, que é do corpo em movimento, incorporar e buscar subsídios além das áreas biológicas (anatomia, fisiologia, cinesiologia e mais recentemente na psicologia), acreditam que também a filosofia

possa trazer contribuições para a Educação Física, especialmente no que diz respeito a concepção de corpo.

Conforme Moreira (1995:22) “Olhar sensivelmente os corpos e nos corpos que passam pela aula de Educação Motora é ir buscar não mais a disciplina, mas a consciência corporal, mesmo porque o ato de conhecer não é mental; ele é, antes de tudo, corpóreo.”

Para Olivier (1995), todo conhecimento - inclusive o de si mesmo - passa pelo corpo. Merleau Ponty apud Olivier (1995:72), escreve que: “O homem é um ser encarnado: é consciente de ter um corpo e todos os seus atos de autoconsciência são filtrados através do corpo”. Este mesmo autor ao abordar a relação consciência e corpo, afirma: “... toda consciência é consciência perceptiva, mesmo a consciência de nós mesmos”(p.73)

Castellani apud Olivier (1995:72) conceitua consciência corporal como:

“sua compreensão a respeito dos signos tatuados em seu corpo pelos aspectos sócio-culturais de momentos históricos determinados. É fazê-lo sabedor de que seu corpo sempre estará expressando o discurso hegemônico de uma época e que a compreensão do significado desse “discurso”, bem como de seus determinantes, é condição para que ele possa vir a participar do processo de construção de seu tempo e, por conseguinte, da elaboração dos signos a serem gravados em seu corpo”.

Olivier (1995) entende que a consciência do corpo, em seus determinantes psicológicos, sócio históricos, biológicos - os quais não são distintos e nem distinguíveis na praxis humana - é condição fundamental à liberdade.

A visão que Regis de Moraes (1992) nos passa sobre consciência corporal é um tanto quanto diferente daquela que nós já nos reportamos. Este autor, primeiro diferencia o corpo delineado em laboratórios em suas estruturas anatômicas e fisiológicas (necessário para estudos objetivos) dos corpos que somos e vivenciamos no complexo horizonte da existencialização. Após,

demonstra as duas fascetas do corpo, ou seja, corpo-problema (desafio na condição de sujeito cognoscente, possível de equacionamento, e eventual solução); e corpo-mistério (envolve, carrega o mistério da vida que escapa os argumentos médicos). Ambos abrangem o corpo do homem. A seguir, o autor demonstra o dualismo que distingue o corpo da consciência, o organismo físico da alma. Já nesta visão, ele associa a consciência a inteligência - que obviamente não se resume no córtex cerebral - (é por isso que considero uma visão diferenciada). Discordando da posição dualista - embora ciente que nossa linguagem não possui argumentos que explique a unidade do homem - o autor coloca que somos (e não temos) um corpo. Somos um corpo como forma de presença no mundo, porque sendo nossa presença mais apropriadamente vinculada por nosso comportamento, torna-se inverídica - ou no mínimo inacessível no vivente a dicotomia consciência e corpo.

“Veremos que o corpo é consciente e, por isso, devemos falar em corpo/consciência; afinal já não é lícito reduzirmos a noção de consciência à de raciocínio, uma vez que o corpo apresenta claramente uma consciência e uma sabedoria que não precisam de raciocínios. Inexiste qualquer atitude humana que seja puramente interior ou da subjetividade puramente pensante; toda atitude do ser humano é atitude corporal. Podemos mesmo dizer que, mediante nossas reações neuromusculares, é que nos damos conta (pensamento) de nossos conteúdos pessoais até aqui chamados “interioridade”. Depressão, angústia, medo, como também euforia, otimismo e tranquilidade, são todos esses sentimentos detonados na estrutura corporal e então captados por nossa interioridade” (Régis de Moraes, 1992:79).

E continua... a mais avançada antropologia filosófica defende a consciência corporal, buscando perscrutar - de um modo que a muitos de nossos antepassados foi impossível - as muitas sabedorias dos corpos.

Para fazer a relação de consciência corporal do ponto de

vista filosófico com a Educação Física, retomarei as palavras de Olivier (1995): A consciência do corpo, em seus determinantes psicológicos, sócio-históricos, biológicos - os quais não são distintos e nem distinguíveis na praxis humana - é condição fundamental à liberdade.

Para melhor compreender a abordagem filosófica da Consciência corporal é fundamental realizar um estudo mais aprofundado de questões da Corporeidade, diferentes percepções do corpo no decorrer da história ocidental e outras. Mas este é tema para um **outro** trabalho.

Considerações finais

Não será possível concluir este assunto, mas acredito que tal estudo levou-me a muitos outros questionamentos, porém deu-me condições para algumas reflexões.

Do ponto de vista da Educação Psicomotora, os conceitos de Esquema corporal e Imagem corporal, deixam muito a desejar se tomarmos estes como sinônimo de Consciência corporal, mas se entendermos eles como parte do processo, eles são extremamente importantes. Considero esses “conteúdos” (da psicomotricidade) indispensáveis no processo do desenvolvimento da criança. Não nos interessa no momento discutir de quem é a responsabilidade de trabalhá-los (psicólogo, professor regente de classe ou professor de Educação Física), mas não tenho dúvida de que a Educação Física, dentro de uma nova perspectiva, poderá contribuir para o desenvolvimento dos mesmos.

A necessidade de uma visão mais ampla, fez-me introduzir neste trabalho, um item denominado “Abordagem filosófica”. A partir dessas leituras é que pude perceber a complexidade desse tema. Consciência corporal de um ponto de vista mais abrangente, não se resume em conhecer, ou mesmo “dominar” o próprio corpo, mas ter a consciência de que “somos um corpo”, e que toda a atitude do ser humano é corporal. Portanto, para dar maior autonomia às práticas motoras, através do estímulo à consciência

corporal, acredito que ao encarar a Educação Física dentro de uma nova perspectiva, onde o aluno é tratado como ser-sujeito e não como “objeto”, ou melhor, um **ser que pensa, sente e age**, com certeza estaremos respeitando-o como ser humano, portanto ser livre.

Referências Bibliográficas

- AJURIAGUERRA, J. V. **Manual de Psiquiatria Infantil**. São Paulo: Atheneu, 1980.
- CAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação**. São Paulo: Cultrix, 1982.
- DE MEUER, A & STAES, L. **Psicomotricidade - Educação e Reeducação**. São Paulo: Manole, 1984.
- FREIRE, J. B. **De corpo e Alma - O discurso da motricidade**. São Paulo : Summus, 1991.
- GAIO, R. **Ginástica Rítmica Desportiva “Popular”** (Dissertação). São Paulo: UNIMEP, 1994.
- GONÇALVES, M. S. **Sentir, Pensar, Agir - Corporeidade e Educação**. Campinas: Papirus, 1994.
- HOLLE, B. **Desenvolvimento Motor na Criança Normal e Retardada**. São Paulo: Manole, 1979.
- LE BOULCH, J. **Rumo a Uma Ciência do Movimento**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.
- _____. **O Desenvolvimento Psicomotor - do nascimento aos 06 anos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.
- _____. **Educação Psicomotora - a psicocinética na idade escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.
- MORAIS, J.F.R. de. Consciência corporal e dimensionamento do futuro. In: MOREIRA W.W. (org.) **Educação Física e Esportes - Perspectivas para o século XXI**. Campinas, SP: Papirus, 1992.
- MOREIRA, W.W. Corpo presente num olhar panorâmico. In MOREIRA, W.W.(org.) **Corpo Pressente**. Campinas, SP: Papirus, 1995.

- OLIVIER, G. G. F. **Um olhar Sobre o Esquema Corporal, a Imagem Corporal, a Consciência Corporal e a Corporeidade** (Dissertação). Campinas: UNICAMP, 1995.
- VAYER, P. **A Criança diante do mundo - na idade da aprendizagem escolar**. Porto Alegre, RS: 3ª ed. Artes Médicas, 1986.
- VAYER & TOULOUSE. **Linguagem Corporal - a estrutura e a sociologia da ação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.